



III EREPEG

Retrospectivas e Perspectivas Curriculares para o Ensino de Geografia

TEMAS TRANSVERSAIS NA GEOGRAFIA: FEMINISMO ABORDADO NAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS

Vinicius Delfino Siqueira

*Universidade Federal de Campina Grande- UFCG
viniciusbleach@hotmail.com*

Ivana Souza Marques (1)

*Universidade Federal de Campina Grande- UFCG
ivanasousam@hotmail.com*

Michel Leite Nascimento (2)

*Universidade Federal de Campina Grande- UFCG
michelnascimento13@outlook.com*

RESUMO

A Geografia, ao longo de sua trajetória enquanto disciplina escolar vem superando práticas metodológicas que priorizam aspectos mnemônicos e listas de nomenclatura. Nesta perspectiva, as histórias em quadrinhos entram como uma importante ferramenta nas práticas de ensino, tais como o trabalho com gênero, questões étnico-raciais, homossexualismo, entre outros, pois essas revistas mostram importante aceitação entre o público jovem, tornando-se uma linguagem cotidiana entre os alunos. Com base nesta perspectiva, o objetivo deste trabalho é conscientizar e trabalhar com temas pouco utilizados na formação docente, utilizando uma metodologia de revisão bibliográfica e seleção de histórias em quadrinhos, relacionando-as com o conteúdo fazendo um ponte com o conceito de espaço da Geografia.

Palavras-chave: Temas transversais. Histórias em quadrinhos. Ensino de Geografia.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho apresenta a diversidade de temas contemplados nas histórias em quadrinhos (HQ) e que podem ser trabalhadas em conjunto com a Geografia. Sendo assim, nosso objetivo é refletir sobre o Feminismo enquanto tema transversal e como este pode ser abordado no ensino da Geografia a partir das HQ.

As histórias em quadrinhos, ou simplesmente HQ, podem ser utilizadas como ferramenta didática em sala de aula por se tratar de leitura que faz parte do cotidiano dos jovens estudantes e está prescrita nos PCN (1996). Essa leitura permite a interação com



III EREPEG

Retrospectivas e Perspectivas Curriculares para o Ensino de Geografia

temáticas constantemente trabalhadas na escola, principalmente temáticas referentes à disciplina de Geografia, correlacionado com o próprio cotidiano do aluno. Por exemplo, os personagens negros nas HQ gera uma boa discussão sobre como eles são apresentados, sua importância na trama, como são aceitos pelos leitores, e uma nova temática que vem surgindo nos últimos anos: uma nova adaptação de personagens já existentes em uma nova roupagem de outro sexo ou outra etnia. Buscamos abordar a temática de gênero neste artigo, enfatizando a questão do Feminismo, no qual o movimento vem ganhando cada vez mais força nos últimos anos, mas é possível notar no decorrer do texto que esse não é assunto atual, mas que já vem sendo trabalhado décadas atrás, inclusive dentro das próprias HQ.

O artigo está estruturado em forma de tópicos, distribuídos com as seguintes temáticas: O primeiro faz uma abordagem do que são os temas transversais e o que são as histórias em quadrinhos, onde no decorrer do texto apresentam a relação com a geografia. No segundo temos uma apresentação do que vêm a ser o feminismo no âmbito escolar e personagens que se destacam nessa perspectiva. Logo após temos a metodologia, buscando apresentar como o trabalho foi desenvolvido e quais foram os métodos foram utilizados, como podemos ver a seguir.

Como procedimento metodológico para um trabalho de pesquisa em andamento, iniciamos a revisão bibliográfica a ser trabalhada e a seleção e análise de HQ que contemplem nossa temática pesquisada.

TEMAS TRANSVERSAIS E AS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS

Os temas transversais são um conjunto de assuntos que aparecem de modo transversal em determinadas áreas do currículo, que se constituem na necessidade de um trabalho mais significativo e expressivo de temáticas sociais na escola, já que não existem disciplinas específicas para estes temas. Os temas trabalhados nesta transversalidade são: Ética, orientação sexual, meio ambiente, saúde, pluralidade



III EREPEG

Retrospectivas e Perspectivas Curriculares para o Ensino de Geografia

cultural, trabalho e consumo de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), de acordo com Secretaria de Educação Fundamental (BRASIL, 1997).

Sabemos que a principal forma de ingresso para um curso superior na atualidade é o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), em que boa parte dos estudantes preparam-se para a prova que será o portão de entrada para sua carreira profissional. Uma das modalidades desta prova (Linguagem e suas tecnologias) utiliza todos os anos ao menos uma tirinha (história em quadrinho constituída de uma introdução, meio e fim) ou uma charge correlacionando com uma temática **X**, no qual o estudante deverá interpretar e/ou assemelhar com o conteúdo para assim chegar à proposta correta.

Vergueiro e Ramos (2009) fazem uma abordagem a respeito de como as HQ passam a ser vistas no Brasil por meio de um ponto de vista de profissionais da educação:

A última virada do século marcou não apenas uma mudança cronológica. Sob vários aspectos, representou também o coroamento de uma nova fase das histórias em quadrinhos no Brasil, que já se encontravam em processo de reavaliação. Por um lado, gradativamente elas passavam a ser entendidas pela sociedade não mais como uma leitura exclusiva de crianças, mas sim, como uma forma de entretenimento e transmissão de saber que podia atingir diversos públicos e faixa etárias (p. 9).

Para Krakhecke (2009), as histórias em quadrinhos (HQ) vêm a ser constituídas de um conjunto de tiras no qual apresentam imagens com textos formando uma história, que pode ser mais curta ou um pouco mais extensa formando uma sequência. Este é o caso das HQ das duas principais editoras do ramo: a DC Comics e a Marvel Comics, em que os heróis combatem o crime constantemente, e que tiveram suas origens na década de 1940 na chamada “era do ouro”.

As histórias em quadrinhos são apresentadas em diversos gêneros - como fantasia, crime, comédia - e destinadas a todas as idades, porém, o maior sucesso desde a década de XX é com o público juvenil (KRAKHECKE, 2009). Diversos temas vêm sendo trabalhados nas HQ em que são considerados “tabus” pela sociedade como:



III EREPEG

Retrospectivas e Perspectivas Curriculares para o Ensino de Geografia

Feminismo, homossexualidade, racismo, discriminação, xenofobia, dentre outros. Nesta perspectiva, podemos utilizar as histórias em quadrinhos como uma importante ferramenta didática em sala de aula, pois além de tratar de uma maneira lúdica o conteúdo, estimula a curiosidade dos alunos. Por não se caracterizar apenas como um texto, mas como um conjunto de imagens formando um sentido, constituindo uma história, este método de trabalho/ensino torna-se mais receptivo por parte dos alunos, como nos afirma Silva (2010, p. 14):

Os quadrinhos motivam a discussão e a reflexão e, principalmente, estimulam uma leitura mais apurada da realidade vivida e a desmistificação do discurso ideológico que permeia as relações sociais e políticas do mundo. Além disso a linguagem desse produto cultural é capaz de fazer a aula mais agradável para muitos alunos, tornando-os mais receptivos ao conteúdo, uma vez que apreciam esse tipo de atividade, por promover debates polifônicos, estimular a perspicácia e o pensamento crítico.

Neste trabalho, destacamos as personagens femininas mais famosas nas histórias em quadrinhos, e também as que apresentam maior importância e poder feminino, também chamado de ‘girl power’, que vem se tornando muito popular em meio ao público teen.

A IMPORTÂNCIA DE PERSONAGENS FEMININAS NOS QUADRINHOS

O Feminismo, não é a busca por uma superioridade das mulheres aos homens, mas sim uma igualdade entre os gêneros. Deste modo, as mulheres não admitem mais a ideia de sexo frágil, que sempre precisará de um homem para salvá-la. Nas aventuras de X-Men, a personagem Jean Grey sempre que está em perigo, insiste em chamar pelo namorado Scott Summers, mostrando a dependência da mulher pelo seu par. A controvérsia, neste caso, é o simples fato de Jean possuir a entidade cósmica da força fênix, que a torna uma das personagens mais poderosas do universo Marvel, de maneira



III EREPEG

Retrospectivas e Perspectivas Curriculares para o Ensino de Geografia

alguma necessitando de seu alicerce amoroso. Esse fato apenas enfatiza a questão da superioridade masculina na trama, contexto presente no período de criação dos personagens, entre as décadas de 1970 e 1980.

Embora seja um movimento que lute contra o machismo, contra a violência contra a mulher, por igualdade entre homens e mulheres, por mais direitos, o fim da objetificação das mulheres, e acima de tudo o direito sobre o próprio corpo, o Feminismo ainda é visto com maus olhos por muitos, além de ter seu sentido e objetivos distorcidos. Muitos costumam confundir o Feminismo com Femismo (o sexo feminino é visto como superior) e até mesmo com Misandria (ódio ou aversão ao sexo masculino), isso se deve a cultura patriarcal e machista impregnada em nossa sociedade.

Esse movimento foi marcado por momentos importantes conhecidos como “ondas do Feminismo”. A primeira onda, o marco inicial do movimento, teve início na cidade de Londres em 1897, uma luta por direito ao voto feminino. As suffragettes ou sufragistas, como eram chamadas as militantes desse movimento, sofreram muita repressão, chegando até mesmo a serem presas. Apenas em 1918 que o voto feminino foi conquistado. Na segunda década do século XX, o movimento teve início no Brasil, porem o voto feminino só foi conquistado na década de 1930.

No período da Segunda Guerra Mundial o movimento feminista esfriou um pouco, “este Feminismo inicial, tanto na Europa e nos Estados Unidos como no Brasil, perdeu força a partir da década de 1930 e só aparecerá novamente, com importância, na década de 1960” (PINTO, 2010, p. 83). Porém, essa época foi de grande importância para as mulheres, foi o momento no qual estas precisaram sair de casa e assumir funções que antes eram exclusivamente dos homens, já que estes estavam servindo na guerra. As mulheres trabalhavam em fábricas de munições, eram secretárias, motoristas de ambulância, pilotos de avião e até servindo na guerra como enfermeiras e espiãs. No entanto, mesmo com tudo isso, as mulheres ainda eram tratadas como inferiores e subordinadas aos homens.



III EREPEG

Retrospectivas e Perspectivas Curriculares para o Ensino de Geografia

A segunda onda teve início por volta da década de 1970. Neste momento, o Feminismo voltou com bastante efervescência, o desejo das mulheres ia além de um lugar no mercado de trabalho ou na política, elas reivindicavam o direito a ter autonomia sobre seu próprio corpo, como nos afirma Pinto:

O Feminismo aparece como um movimento libertário, que não quer só espaço para a mulher – no trabalho, na vida pública, na educação –, mas que luta, sim, por uma nova forma de relacionamento entre homens e mulheres, em que esta última tenha liberdade e autonomia para decidir sobre sua vida e seu corpo (2010, p. 16).

Até então, o Feminismo era um movimento feito por mulheres da elite, em sua maioria, eram mulheres brancas com poder alto aquisitivo. A terceira onda do Feminismo que se iniciou na década de 1990 veio questionar isso, as militantes negras e pobres vieram denunciar o Feminismo elitista e excludente, como podemos verificar na fala de Ribeiro:

As críticas trazidas por algumas feministas dessa terceira onda, alavancadas por Judith Butler, vêm no sentido de mostrar que o discurso universal é excludente; excludente porque as opressões atingem as mulheres de modos diferentes, seria necessário discutir gênero com recorte de classe e raça, levar em conta as especificidades das mulheres (2014, p.32).

Atualmente estamos vivendo a chamada quarta onda do Feminismo, na qual as feministas usam as ferramentas midiáticas para se manifestar, sendo a internet um dos principais meios. Através de redes sociais, mulheres expressam suas indignações, denunciam abusos e violências diárias, fazem grupos, organizam protestos, dentre várias outras ações. Podemos destacar outros meios midiáticos como a música e o cinema. Por exemplo, a cantora internacional Beyoncé recentemente lançou um álbum que representa bem o Feminismo negro. De certa forma essa era digital ajuda a disseminar as ideias do Feminismo e a alcançar mais mulheres.



III EREPEG

Retrospectivas e Perspectivas Curriculares para o Ensino de Geografia

Outra ferramenta midiática que está representando o Feminismo com muita força são as revistas em quadrinhos de super-heróis. As heroínas estão ganhando cada vez mais destaque e muitas delas estão assumindo os papéis dos heróis masculinos e estão fazendo muito sucesso, um bom exemplo disso é Thor, quando o Deus Thor Odinson ficou indigno de portar seu martelo na sua história quem conseguiu levantar o martelo foi sua ex-namorada, Jane Foster e se tornou a Nova Thor e a revista aumentou consideravelmente seu número de vendas, se tornou um novo sucesso da Marvel.

Outro que foi substituído também no mundo dos quadrinhos foi o Homem de Ferro, o herói gênio milionário resolveu se aposentar e passar o manto para Riri Williams, uma adolescente negra que é a personagem mais inteligente de todo universo da Marvel. No entanto, não é de agora que heroínas roubam a cena nas HQ. Na década de 1940 nasceu a mais famosa de todas as heroínas, a Mulher Maravilha, que é a pioneira das heroínas de sucesso. Nasceu em um meio composto por homens e se tornou logo um símbolo feminista. É tão influente que faz parte da “trindade” da DC comics composta por Superman, ela (Mulher Maravilha) e Batman. Ela surgiu em um momento importante para a vida das mulheres, em que elas passaram a assumir um novo papel na sociedade. Outra personagem feminina e feminista muito importante é a Capitã Marvel, esta nasceu próxima à terceira onda do Feminismo.

Atualmente, está sendo deixada de lado a ideia de heroínas só servirem como par romântico dos heróis ou apenas uma ajudante, para se tornarem protagonistas fortes e independentes. Essas personagens têm um papel importante na representatividade e empoderamento, pois como afirma Barros e Recuero (2015) “é possível acompanhar a relação de quadrinhos com a sociedade – tanto histórico quanto ideologicamente”, ou seja, os quadrinhos sempre acompanharam momentos importantes no mundo, inclusive as ondas do Feminismo.

Ultimamente, as mulheres vêm se interessando cada vez mais e consumindo HQ, e essa questão do Feminismo sendo trabalhados nessas Histórias em Quadrinhos



III EREPEG

Retrospectivas e Perspectivas Curriculares para o Ensino de Geografia

influencia bastante nesse interesse. As mulheres se sentem representadas por aquelas heroínas fortes e empoderadas.

O conceito da Geografia que podemos fazer ponte, e também o que mais se encaixa é o de espaço, mais precisamente o de espaço vivido, pois é nele que ocorre todas as teias de inter-relações, seja em casa, na rua, escolas.

Para os geógrafos, o conceito de espaço é algo muito amplo, e também abstrato. O espaço geográfico pode ser caracterizado como “o que corresponde a superfície terrestre”, assim como apresenta (SOUZA, 2015, pág.21). Evidente que esse seria um conceito representado numa limitação da visão geográfica. Buscando uma característica que represente melhor nossa linha de pesquisa e aplicabilidade, vamos entrar em uma temática mais humanista e sociológica da Geografia que vai trabalhar o espaço social/vivido. Nua perspectiva Kantiana, o espaço social “corresponde, também a uma primeira aproximação, e que igualmente passara a ser complementada, a superfície terrestre apropriada, transformada e produzida pela sociedade” (SOUZA, 2015, pág.22). O conceito de espaço geográfico não foi descartado, mas sim adaptado para a temática proposta. Outro conceito de espaço social trabalhado por Durkheim e Bourdieu para espaço social é que ele aparece como outra nomenclatura para campo de atuação, onde se trata de “uma teia de relações ou de posições relativas em uma estrutura social, sem necessária vinculação direta com um espaço geográfico concreto, preciso e delimitado” (SOUZA, 2015, pág. 22-23).



Fonte: <http://tirasarmandinho.tumblr.com> (acesso em 22 de Outubro de 2016)



III EREPEG

Retrospectivas e Perspectivas Curriculares para o Ensino de Geografia

Na tirinha acima temos um diálogo no espaço escolar, onde é discutido a temática do feminismo, em que a ideia de que o movimento feminista luta pela superioridade das mulheres é quebrado por um argumento simples e coerente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta perspectiva, as histórias em quadrinhos entram como uma importante ferramenta nas práticas de ensino, pois essas revistas mostram importante aceitação entre o público jovem, sendo uma linguagem cotidiana destes. Este recurso didático mostra seu potencial ao abordar temas e aspectos geográficos.

Além do mais, alguns temas importantes precisam ser trabalhados na escola, pois fazem parte do eixo metodológico do ensino, com ponte no conteúdo da Geografia. Sendo assim, salientamos a importância do uso de linguagens alternativas para se ensinar Geografia como forma de potencializar o conteúdo e tornar a aprendizagem mais significativa. Para tanto, é necessário o professor fazer uso de tais linguagens em sua prática pedagógica, estimulando o aluno a refletir e pensar o conteúdo geográfico por meio de elementos presentes em seu cotidiano.

Vivemos em uma sociedade patriarcal no qual o machismo é predominante e prejudica a todos que fazem parte dela, em especial as que fogem do padrão Homem, heterossexual, branco e cristão, além de ser o principal responsável pela desigualdade de gênero. Diante dessas questões, existe uma necessidade urgente de se trabalhar o feminismo nas escolas, como tema transversal, mesmo que este seja um tema que não é bem aceito por muitas pessoas devido ao machismo impregnado na sociedade que distorce o conceito e os objetivos do movimento feminista. Porém, se esse tema for trabalhado da forma correta, com o auxílio de ferramentas como as histórias em quadrinhos é possível romper com as barreiras impostas pelo machismo e plantar a semente para uma sociedade mais igualitária e menos machista.



III EREPEG

Retrospectivas e Perspectivas Curriculares para o Ensino de Geografia

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROS, Érica Pires, RECUERO, Raquel. **Representação Do Gênero Feminino Como Forma De Empoderamento Da Mulher Estudo De Caso: Marvel's Thor Goddess of Thunder**. In: XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Rio de Janeiro – RJ, 2015. Disponível em <<http://portalintercom.org.br/anais/nacional2015/resumos/R10-0361-1.pdf>> (acesso em 02/10/16)

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1997.

KRAKHECKE, C. A. **Representações da guerra fria nas histórias em quadrinhos Batman- cavaleiro das trevas e Watchmen (1979-1987)**. Porto Alegre. 2009.

PINTO, Céli Regina Jardim. Feminismo, história e poder. **Revista de sociologia política**. Vol 18, n° 36. Curitiba. 2010. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/rsocp/v18n36/03.pdf>> (acesso em 02/10/16)

RIBEIRO, Djamila. **As diversas ondas do feminismo acadêmico**. Disponível em <<http://www.cartacapital.com.br/blogs/escritorio-feminista/feminismo-academico-9622.html>> (acesso em 01/10/16)

SANTOS, R. E.; VERGUEIRO, W. Histórias em quadrinhos no processo de aprendizado: da teoria à prática. **Eccos Revista Científica** (Impresso), v. 27, 2012. p. 81-95.

SILVA, E. I. **A linguagem dos quadrinhos na mediação do ensino de Geografia: Charges e quadrinhos no uso da cidade**. Universidade Federal de Goiás. Goiânia, 2010.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2015.

<http://tirasarmandinho.tumblr.com> (acesso em: 22 de Outubro de 2016)